

Firmina 1948

Por Thainá Gremes Carneiro e Raiany P. Gremes

“Pessoas precisam contar suas histórias. Sem o ato de ler e escrever, é como se não existíssemos.” Conto um pouco da existência de Firmina... Estava andando de bicicleta em direção a beira do rio Uruguai, na rua Dr. Maia. Avistei carros vermelhos com uma faixa amarela, pude supor que eram de autoescola, quando me aproximei li “CFC Uruguaiana” em um dos carros que estava tentando sair da baliza, quase na minha frente. Do lado esquerdo, tem a Santa Casa Velha, antigo hospital da cidade; do lado direito, o Lar da Velhice São Vicente de Paulo. Passo devagar para observar as estruturas e mudanças do local. Também procuro um rosto familiar que não enxergo, nunca está lá na frente. Consigo ver as portas antigas dos quartos, a de número dois é o quarto dela, mas a porta está fechada, diariamente fechada. Tem dias que faço voltas na quadra enquanto espero para vê-la. Não a vejo, nem ao menos sentada no banco de madeira pintado de branco que está no pátio, acompanhado de um jardim contemplado pelo sol do inverno de agosto.

COVID 19 – PROIBIDO ENTRAR – diz a placa que foi colocada no portão.

Minha avó mora há catorze anos no asilo da cidade, não por escolha da minha mãe, mas por falta de condições econômicas a ditar quem vai morar onde e com quem. Casou-se aos quinze anos, não demorou para que começasse a beber vinhos e logo depois cachaça. O marido tinha idade para ser seu avô. Não sei nada sobre a sua infância, nem onde morou. Soube que com meu avô Olice, um homem branco, morou no campo. Ele era capataz de uma fazenda, tiveram nove filhas, incluindo minha mãe, a mais nova. Durante os anos de casamento, entre uma filha e outra que nascia, minha avó fugia para beber em um capão de mato, onde escondia o álcool que Olice a proibia de beber. Pensei inúmeras vezes que ela bebia para aguentar o casamento onde nunca quis estar, por falta de oportunidade de escolhas. Ou talvez porque sentia nojo do homem com quem casou obrigada tão nova, seguindo a construção cultural, talvez para ter uma casa e o que comer. Pensei, pois nunca me contaram quem foram meus bisavós, nem nada dessas histórias que causam sofrimento.



Para ela não me ver chorar evito visitá-la. Muitas perguntas em minha mente, e sem poder perguntar eu escuto e, ao escutá-la, sofro com o sentimento de impotência. Recém entrei para universidade e, se tivesse estabilidade financeira, tirava minha avó do Lar da Velhice, não por falta de cuidados, mas por falta de amor, de companhia familiar, uma companhia que muitas vezes não consigo ser. Não é fácil ver nos olhos das mulheres pretas do meu sangue e do meu país a realidade, tão pouco falada, que destrói suas/nossas vidas. *Quarto de Despejo*, escrito por Carolina Maria de Jesus, retrata bem isso.

Meu avô morreu quando minha mãe tinha oito anos de idade. Desde então, ela cresceu trabalhando de casa em casa em troca de teto e comida. A vó Firmina não tinha as mínimas condições de criar as filhas, viveu na rua bebendo, catando comida no lixo, dormindo nos bancos, no chão e, muitas vezes, foi violentada por outros moradores de rua. Enquanto isso, minha mãe e suas irmãs trabalhavam como empregadas domésticas nas casas de alvenaria, morando com pessoas que não as deixavam ir para a escola. Minha mãe, Maria, conseguiu viver com o pouco que adquiriu, que para nós é muito, porém com o salário de empregada doméstica não conseguiu manter os cuidados que minha avó Firmina precisa.

Lembro-me nitidamente das pouquíssimas vezes que encontrei vó Firmina na minha infância. Uma delas foi num final de semana que estava visitando a minha mãe. Foi um pesadelo vê-la agredindo a própria filha com pauladas na cabeça. Mas como julgá-la se nem sóbria estava? Minha mãe, chegava em casa cansada do trabalho e logo saía para procurá-la, pois estava perdida nas ruas e no alcoolismo sem apoio nenhum, abandonada pela sociedade. A solução foi o asilo, onde hoje, dolorosamente, sabemos que está melhor. Numa tarde em que fui lá, não de quarta-feira que é dia de visita, vó Firmina me disse que há enfermeiras de plantão. Elas a acompanham e tomam conta de todos os seus cuidados, o que não teríamos condições de pagar. Sem falar no medo que a minha mãe sente dela fugir novamente para as ruas.

Na última vez, a enfermeira a trouxe até nós. Ela se debatia porque a catarata não a deixa mais enxergar as pessoas. Acalmou-se quando ouviu a voz de minha mãe. Lembrei dos homens que abusaram dela na rua. Pelo trauma, sente medo de não enxergar o que vão fazer com ela. A felicidade foi contagiante quando ouviu que eu estava junto. Começou a dizer para o gerente do asilo e para a enfermeira “essa aqui é minha neta, estuda as letras, meu orgulho”, apontando para o lado contrário de



onde eu estava. O orgulho é tanto que demonstra gostar muito da arte das palavras (deve ter muito o que dizer).

Vontade de perguntar se ela sabia ler e escrever, mas não tive coragem, quis aproveitar sua alegria em me ver. Contou que não gosta de morar no asilo, pois se sente bastante sozinha. Queria mesmo era estar perto dos netos e bisnetos, mas de qualquer forma, disse que o mais importante “é a vida que foi generosa comigo, deixa eu viver pra ver vocês, minha filha”. De alguma forma, senti a sua conformação diante de tudo, não tem mais forças para lutar. Passei a compreender a realidade tão perto de mim e que não conhecia. Meus olhos inundaram-se como o mar que não transbordou diante dela, precisei ser força, apoio e amor. A pergunta que mais ecoou – Em qual mundo eu estava esse tempo todo e em qual mundo afinal estão as pessoas?

Antes de partirmos, vó Firmina me deu um porta retrato que segurava nas mãos enquanto conversávamos. “Mostra pros meus bisnetos pra todos conhecerem a vó preta bonita, diz que eu amo todos, Beatriz” e logo nos despedimos. Quando minha mãe e eu entramos no carro, o mar que habita em cada uma de nós transbordou sem dizermos palavra. No caminho de volta para a casa, minha mãe Maria contou que a vó Firmina não sabe escrever, que há pouco estava aprendendo a desenhar o nome, mas que por conta do coronavírus, a professora que alfabetizava os idosos não pode mais frequentar o Lar da Velhice. Pensei sobre as inúmeras limitações que acompanham a ausência de comunicação. O analfabetismo no Brasil está intimamente ligado a outras desigualdades que se perpetuam no país, como fome e pobreza, racismo e machismo, falta de moradia entre outras barbaridades.

Não saberia viver sem ler e escrever, sem poder denunciar essa realidade cruel. Escrevo não somente para resistir, mas também para existir na memória deste país, porque nossas vidas importam e histórias como essas não podem e não devem ser esquecidas. “Escrevo para respirar melhor”, como diz Dalva Maria Soares e para “diminuir a febre de sentir”, contando a realidade da vida da minha vó Firmina para o mundo. Ela agora existe.

